

A RESTAURAÇÃO

REDACÇÃO

Séde social da empresa

Rua de D. João I, 13—1.º andar
GUIMARÃES

SEMANARIO CATHÓLICO

PROPRIEDADE DA EMPRESA DE «A RESTAURAÇÃO»

Director e administrador—Antonio Luis da Silva Dantas

ADMINISTRAÇÃO

Officinas de composição e impressão

Typographia Minerva Vimaranense
Rua de Fayo Galvão

As doutrinas da «Voz de S. Antonio»

MODERNISMO

II

DOCTRINAS MODERNISTAS

A—IGNORANCIA DOS ADVERSARIOS DO MODERNISMO

Doutrina catholica: «Talvez alguém julgue, Veneráveis Irmãos, que esta exposição da doutrina dos modernistas Nos tem occupado demasiado tempo. Era comtudo necessário, já para evitar a costumada accusação de ignorarmos as suas verdadeiras ideias; já para...»

Pio X, Encycl. *Pascendi*; trad. dos *Estudos Sociaes*, pags. 59 e 60.

Doutrina da «Voz»: «*Le P. Maumus. — Les Modernistes*—Paris, etc.

«O objecto da presente publicação é de muita actualidade por ser a heresia da moda.

«E' mal comprehendida ainda para ser devidamente refutada.

«Nada mais util pois que as tentativas deste genero, quando emprendidas por competentes.»

Voz de S. Antonio, Fevereiro de 1909, pag. 68.

N. B.—1) Não ha contradicção entre a 2.ª e a 3.ª alínea. A 2.ª affirmia; a 3.ª encobre.

2) Esta affirmacção é feita anno e meio depois de longamente analysado e condemnado o modernismo pela Santa Sé, e depois de innumeras obras em que a heresia foi estudada, exposta e refutada.

3) O que a «Voz», diz util não é a refutação: são as tentativas.

4) Parece que lhe fizeram reparos, porque no n.º de Abril seguinte volta ao assumpto:

«...E' conveniente, util e até necessario para os que quizerem fazer uma ideia justa d'uma doutrina muito mal comprehendida ainda por uma grande parte de catholicos.

«Esta mesma affirmacção fizemos a proposito do P. Maumus—*Les Modernistes*—e então affirmamos que o A. se esquivara de tratar o assunto sobre o ponto de vista modernista.

«Felizmente H. Ligeard proporciona-nos um bello ensino de fallarmos de novo sob o mesmo assunto, palpitante de actualidade. Devemos notar

que o presente estudo é expositivo enquanto que o do P. Maumus era critico...» (pag. 153).

Ora é de notar

1.º—que a «Voz», não dissera antes só que «a doutrina era mal comprehendida por uma grande parte de catholicos», mas que era «mal comprehendida para ser devidamente refutada»—*Faz muita differença.*

2.º—que o estudo do P. Maumus não era tal critico, mas principalmente apologetico: «A contextura da obra revela que lhe presidiu o espirito apologetico de preferencia ao critico. Eis uma deficiencia» («Voz», Fevereiro de 1909, pag. 69).

B—EXEGESE BIBLICA

Doutrina catholica: 1. «I. Se têm solido fundamento os varios systemas exegeticos excogitados e propugnados com apparencia scientifica para excluir o sentido litteral historico dos tres primeiros capitulos do livro do Genesis? — Resp. *Negative.*

«II. Se—não obstante a indole e forma historica do livro do Genesis, o nexop peculiar dos tres primeiros capitulos entre si e com os seguintes, o multiplique testemunho da Escripura do A. e N. T., a quasi unanime opinião dos SS. Padres e o sentir tradicional que a Igreja recebeu do povo d'Israel e sempre seguiu—pode ensinar-se que os tres supradictos capitulos do Genesis contêm, não a narraçao de factos realmente passados, correspondentes á realidade objectiva e á verdade historica; mas fabulas tiradas das mythologias e cosmogonias dos povos antigos e accommodadas pelo auctor sagrado á doutrina monotheista depois de as expurgar de qualquer erro de polytheismo; ou symbolos e allegorias, destituidas de fundamento na realidade objectiva, propostos sob a apparencia de historia para inculcar verdades religiosas e philosophicas; ou finalmente lendas em parte historicas e em

parte ficticias compostas livremente para instrucção e edificacção das almas? — Resp. *Negative ad utramque partem.*»

Commissio de re biblica, de caractere historico trium priorum capitum *Geneseos*—Resp. de 30 de Junho de 1909.

«Dizem, porém (*os modernistas*), que não é de historia nem de sciencia que estes livros (*os sagrados*) tratam, mas unicamente de religião e de moral. A historia e a sciencia são apenas uma especie de involucro com que as experiencias moraes e religiosas se encobrem para penetrar mais facilmente no publico. Se, com effeito o publico não percebesse por outra forma as coisas, é claro que uma sciencia ou uma historia mais perfeita, em vez de auxilio, teria servido de obstáculo.»

Pio X, Encycl. *Pascendi*; trad., pag. 55.

2. «Se attenderdes bem, ha para elles duas exegeses muito distinctas: a exegese theologica e pastoral, e a exegese scientifica e historica.»

Pio X, *ibid*; *ibid*, pag. 29.

Doutrina da «Voz»: 1. «O principio basilar de todo o idealismo, sob qualquer das suas formas, é que a Biblia não é um livro scientifico, mas um livro religioso, que nos apresenta as verdades religiosas revestidas das ideias scientificas da epoca, pela razão que já apresentei, que antigamente a religião e a sciencia andavam intimamente alliadadas entre si. O fim que o Espirito Santo teve em vista foi não scientifico mas religioso; e por isso, assim como deixou aos auctores sagrados o cuidado da forma externa, do estylo, pois que cada livro da Escripura tem o seu peculiar, assim tambem deixou que Moyses utilizasse as ideias scientificas da epoca na descripção da creação.

«Desta sorte, pouco importava que Moyses falasse segundo as apparencias, que se servisse até das ideias cosmologicas dos Caldeus e outros povos, contanto que, despindo-as do seu character mythologico, os Hebreus ficassem sabendo

do que todo o mundo sahia das mãos d'um Unico Deus, omnipotente e eterno. Ficava assim a salvo o fim que o Espirito Santo teve em vista.....

«De sorte que as questões de sciencia ficam de parte na Sagrada Escripura; toca-se n'ellas accidentalmente e não com o fim de ministrar sciencia. Quanto a outros pontos, v. g., á especificacção de seis dias da Creação, o idealismo entende-os ainda como escriptos com um fim unicamente religioso. No presente caso a instituiçao da semana e do descanso dominical...»

«E' certo que Moyses só por meio das coisas externas podia elevar as intelligencias rudes dos Judeus á contemplacção d'um Senhor Supremo e de suas infinitas perfeições. Ora Deus, como já se disse, nunca revela se não o que é necessario, e uma sciencia cosmologica não o era. Por outra parte só assim podia conseguir o seu plano. Creio, que se Deus revelasse a Moyses uma Cosmologia e uma Astronomia, como hoje as possuímos, ou como as hão de construir nossos descendentes, nem o proprio Moyses o acreditaria, tal era a revolução que se ia operar nas suas ideias. Todo o povo apostataria talvez da sua fé...»

Voz de S. Antonio, Setembro de 1908, pags. 806 e 807.

2. «Jesus de Nazareth pela *Madre Maria Loyola*...

«A piedosa autora não podia preocupar-se com questões criticas, porque não favoreciam de nenhum modo o seu plano—«de robustecer a fé na Divindade de Nosso Salvador, atrahindo-lhe o coração dos meninos, pelo amor a sua Sagrada Pessoa.»

Voz de S. Antonio, Abril de 1908, pag. 629.

C—PHILOSOPHIA ESCOLASTICA

Doutrina catholica: «Estes modernistas que, armando em doutores da Igreja, elevam ás nuvens a philosophia moderna e desdenham a escolastica, abraçaram aquella, seduzidos por suas apparencias enganadoras, porque inteiramente igno-

rantes d'esta, careciam do instrumento indispensavel para desfazer a confusão das ideias e refutar os sophismas.....

«A cada passo tratam com desprezo e zombaria a philosophia e theologia escolasticas. Seja por ignorancia ou por temor, ou antes por tudo junto, sempre com o amor das innovações vae nelles a par o odio ao methodo escolastico; nem ha mais claro indicio de começar alguém a dar-se ás doutrinas do modernismo do que começar a ter horror á escolastica. Tenham presente os modernistas e seus adeptos esta proposição condemnada por Pio IX (*Syll.*, prop. 13): O methodo e os principios que serviram aos antigos doutores escolasticos na cultura da theologia, já não satisfazem as exigencias do nosso tempo nem o progresso das sciencias.»

Pio X, Encycl. *Pascendi*; trad., pags. 65 e 66.

Doutrina da «Voz»: «A primeira e fundamental questão com que se deve preoccupar um bom mentor scientifico-religioso moderno é a existencia de Deus. Está na base de toda a boa Apologética moderna. Após a critica de Kant aos argumentos tradicionaes, têm-se escripto innumeraveis volumes acêrca deste inextinguível assumpto. E a critica nem sempre tem sido favoravel ás nossas crenças. Por sua parte, os catholicos têm tambem contribuido com não poucos estudos para a soluçao do que modernamente se chama o *problema da existencia de Deus*. Uma grande parte, porém, dentre elles, não têm tomado na devida consideração os argumentos da critica, e contentam-se com reproduzir quasi *ad literam* os argumentos da escola, não se lembrando que enunciados hoje da forma que o eram na Idade-Média, perderam uma grande parte do seu valor, alguns pelo menos.

«Basta apontar para o argumento do Motôr imovel que os Escolasticos fundamentavam na inércia da matéria. Hoje a absoluta inércia é comummente rejeitada, não

só pelos monistas, mas pelos mesmos catholicos....

«Como este, precisam quasi todos de ser remodelados para terem um valor que admittam não só os catholicos, mas que force o assentimento dos proprios adversarios...»

Voz de S. Antonio, Junho de 1908, pags. 688 e 689.

D—CULTO E DEVOÇÕES

Pio X: «No que diz respeito ao culto, (*querem os modernistas*) que se diminua o numero de devoções externas, ou se obste ao seu augmento. Alguns, todavia, mais favoraveis ao symbolismo, mostram-se mais indulgentes nesta materia.»

Encycl. Pascendi, trad., pag. 58 e 59.

A *Voz de S. Antonio*,: «Por isso nos pontos do paiz em que o povo não foi ainda deschristianizado por uma propaganda cruel, porque rouba a paz de espirito para semear odios e por isto completamente anti-patriotica, nós vamos encontrar-o com um fundo christão tão inexplorado que se tornou inconsciente, mal sabendo porque ainda reza.

«Assim o vemos nas romarias, assim o observamos nas mais imponentes peregrinações que longe de serem grandiosas manifestações de fé, são apenas a exteriorisação de um nervosismo mórbido e prejudicial quando não de um materialismo grosseiro que se manifesta na embriaguez de espirito ou de... cabeça com que regressam ao lar.»

Voz de S. Antonio, Dezembro de 1908, pag. 928.

N. B.—«Imponentes peregrinações» em Portugal tinha havido as duas do Sameiro: a nacional, em 1904, e a promovida pelas congregações marianas, em 1908. Ambas foram uma gloria de Maria SS. e de Portugal, merecendo as maiores bençãos de Sua Santidade e os maiores applausos do mundo christão.

E—ORIENTAÇÃO SOCIAL E POLITICA

Pio X: «Querem outro-sim (*os modernistas*) que o poder ecclesiastico mude de linha de acção no terreno social e politico, de sorte que, conservando-se fora das organizações politicas e sociaes, a ellas se adapte, comtudo, para impregná-las do seu espirito.»

Encycl. Pascendi, trad., pag. 59.

«O Estado e a Igreja (*dizem os modernistas*) são extranhos uma ao outro em razão da diversidade dos fins: espirital para a Igreja, temporal para o Estado...»

«Logo: separação da Igreja e do Estado, do catholico e do cidadão. Todo o catholico, porque é tambem cidadão, tem o direito e o dever, sem se preoccupar com a auctoridade da Igreja, sem ter em conta seus desejos, conselhos e mandamentos, com desprezo até de suas reprehensões, de fazer o que julgar mais conveniente ao bem da patria.»

Ibid., pags. 37 e 38.

A *Voz*,: «A religião nunca deu normas particulares de politica...»

«Se ha partidos que se incompatibilisaram com a Igreja é claro que com esses não voto, porque a minha consciencia de catholico m'o prohihe. Mas se os ha que são meramente politicos, posso dar-lhes a minha preferencia. Depende isso das minhas ideias politicas. Porque não é como catholico que eu voto ou que eu vou ao parlamento: é como cidadão, e embora seja como cidadão catholico...»

«Quando elejo um deputado elejo-o para o paiz, não o elejo para a religião...»

Voz de S. Antonio, Fevereiro de 1908, capa, pags. 3 e 4.

«Por consequencia, em virtude das duas grandes obrigações que o eleitor religioso conscio dos seus deveres religiosos e civicos tem de—trabalhar o mais eficazmente possivel pelo bem commum da sociedade civil—e de—não negar nunca a sua fé e, em caso de necessidade, defendel-a—, o mesmo eleitor tem dois deveres a cumprir antes de dar o seu voto:

«1.º—Procurar um deputado que defenda as suas ideias politicas—porque só essas é que elle julga aptas para servirem ao bem commum, á sociedade;

«2.º—Procurar um deputado que na vida normal se comprometta, pelo menos a não atacar as suas ideias religiosas; ou em casos anormaes se comprometta a defendel-as.

«Disto se deduz:

«1.º—Que o eleitor não pode nem deve dar o seu voto a quem não defenda as suas ideias politicas;

«2.º—Que o eleitor religioso não pode nem deve dar o seu voto a quem na vida normal combata a sua opinião; ou em casos anormaes a não defenda.

«Na pratica, estes dois principios tem singular importancia.

«Assim um individuo religioso que, para trabalhar pelo bem da sociedade e da religião, só dispuzesse do seu voto, estaria obrigado a dal-o ao deputado de um partido que ao mesmo tempo lhe defendesse as suas ideias politicas e religiosas.

«Do mesmo modo, não poderia ser obrigado a filiar-se num partido que, embora defenda as suas ideias religiosas, não lhe defende as suas ideias politicas. Porque iria contradizer a sua consciencia no fim directo do seu voto—que é essencialmente politico. E isto não pode deixar de ser um mal grave...»

Voz de S. Antonio, Maio de 1909, pag. 168.

N. B.—1) Os sublinhados são da *Voz*.

2) Nas citações é evidente a separação profunda da consciencia politica e religiosa.

C. do A.

ALEXANDRE HERCULANO

Poucas vezes temos notado nos catholicos portugueses tam louvavel prova de bom senso, como no seu procedimento a respeito do centenário, agora celebrado, de Alexandre Herculano.

Não ha regra sem excepção: e este louvor manda-nos a verdade negá-lo a umas irreflexões, condescendências imbecilas ou respeitos humanos, que mais ou menos quebrantam a bella unanimidade da abstenção.

Na verdade, Alexandre Herculano não era digno da consagração dos catholicos, nem, rigorosamente fallando, daquelles mesmos que o não sam.

Habituaados a fazer justiça a todos, não lhe negamos talento, e reconhecemos que a sua vida foi excepcionalmente laboriosa. Não desconhecemos que tinha algumas notaveis faculdades de escriptor, e que algumas vezes se norteou, no uso dellas, pelo amor da verdade.

Mas não podemos esquecer que, em grande parte dos seus trabalhos litterários, Herculano deixou inteiramente de parte a imparcialidade, inseparavel do sincero zelo da verdade, e pôs o seu talento ao serviço de despeitos e odios insoffridos. Alguma vez elle mesmo chega a afirmar, em arranco de sinceridade, que escrevia com a intenção de confundir os seus inimigos.

E ninguem ignora de quanto é capaz de um espirito esclarecido, quando dominado por uma paixão que quer triumphar.

Alexandre Herculano sacrificou tanto o amor da verdade aos seus sentimentos pessoais de má vontade contra os seus inimigos, que, em certa época da sua vida, parece que nada mais via senão a elles e em nada mais pensava do que em os abater. Esquæceu-se dos louros já adquiridos e da auctoridade já conquistada, para deshorrar o seu talento em lucubrações que a ninguem podem grangear nobre celebridade.

E, para se medir a grandeza dum escriptor, é evidente que não basta tomar em conta os seus dotes intellectuaes: as suas qualidades moraes não sam menos importantes e necessárias, sobretudo quando o coração, como no caso presente, se sobrepói á cabeça.

Os catholicos, da sua parte, devem a Herculano apaixonadissimas aggressões e insultos á Igreja, a zombaria e negação de dogmas de fé, o triste exemplo duma morte impenitente e sem retratação de nenhuma espécie, e—para dizer tudo em poucas palavras—o merecer o defunto escriptor que os desavergonhados jacobinos portugueses o tomassem para symbolo do seu odio á religião e para pretexto de mais uma campanha infame contra ella.

Quem conhecesse os iniciadores da celebração centenária—que afinal redundou num fiasco, e só serviu para irritar até ao desespero a raiva jacobina—não precisava de ser muito previdente para adivinhar os sentimentos que inspiravam a lembrança.

Ainda assim, não regateamos o nosso applauso á generalidade dos catholicos portugueses pela sua louvavel abstenção.

Qual é a minha vocação

II

O que devo aconselhar acerca da escolha do estado?

CONVERSAS

de Theophilo com um missionario

II

DO ESTADO DE VIDA COMMUM

II conversa—SOBRE O MESMO ASSUMPTO.

Theophilo.—Como eu gostaria de conhecer os fins honestos que se devem ter em vista!

O *missionario*.—«O primeiro dos motivos que devem ter os esposos ao entrar no matrimonio é o desejo duma sociedade conforme ás inclinações da natureza, que dá a um e a outro a esperanza de mutuamente se ajudarem a supportar mais facilmente as penas da vida e as enfermidades da velhice.

«O segundo motivo é a esperanza de ter filhos, que sejam menos os herdeiros dos bens de seus paes que os imitadores da sua fé e da sua virtude.

«O terceiro veio juntar-se aos outros depois da queda original. Aquelle que fez experiencia da sua fraqueza e não quer sustentar sempre a lucta contra as tentações, pode recorrer ao matrimonio com o fim de evitar o peccado.»

Theophilo.—O matrimonio é sempre um meio seguro de preservar das quedas?

O *missionario*.—Não, certamente; alguns santos chegam até a dizer que é mais facil guardar a castidade perfeita do que viver christamente no matrimonio. O que é verdade, sobretudo num tempo em que pode acontecer facilmente que um dos esposos não tenha o temor de Deus. Principalmente neste ultimo caso, é mais facil triumphar, só, das tentações. Que soccorro para a virtude se pode encontrar na companhia de quem não tem pudor nenhum?

Theophilo.—Aquelle dos esposos que tem a fé e a pratica christã converterá sem duvida aquelle que é impio e indifferente.

O *missionario*.—Prouvera a Deus que assim fosse sempre; mas vezes de mais é o contrario o que acontece. Em companhia dum doente attingido de peste é mais facil contrahir-lhe o mal do que curá-lo. As palavras de Tertulliano, ao fazer o quadro das mulheres christãs do seu tempo, que tomavam um infiel por esposo, applicam-se de mais áquellas que nos nossos dias desposam um homem irreligioso.

Theophilo.—Como eu estimaria conhecer as palavras desse Padre!

O *missionario*.—Ei-las: «Cada dia, diz elle, a fé se apaga na companhia dum infiel: como cumprirá a lei do Senhor a mulher que tem incessantemente a seu lado um escravo do demonio? Poderéis vós, ó mulher, esconder ao vosso marido o signal da cruz, que fazeis sobre o vosso leito e sobre vós mesma? Não lhe parecerám superstições as vossas praticas de piedade? Que contará aos vossos ouvidos o vosso marido, e que podereis vós mesma dizer-lhe? Onde encontrareis consolações para a vossa alma? Como podereis com elle bemdizer o Senhor? Oh! entre elle e vós não ha nada de commum!»

Theophilo.—Pedi, ó meu Padre, para que Deus me preserve de tal vida!

O *missionario*.—E' na realidade antes uma morte cruel: felizes ainda as almas que supportam esta dura prova sem deixar abalar a sua constancia no serviço de Deus; mas três vezes desgraçadas aquellas que se tornam sem resistencia culplices da impiedade ou da libertinagem dum esposo!

Theophilo.—Eu estou bem resolvido a nunca entrar neste estado, se não achar nelle garantias de viver no amor e no temor de Deus.

O *missionario*.—Como seria para desejar que todos tivessem os mesmos santos desejos! Esforçai-vos pelos fazer partilhar a outros: será poupar-lhes muitos males e perigos.

Theophilo.—Que meios devei eu empregar, meu Padre, para me não perder, se um dia me decidir a entrar neste estado?

O *missionario*.—Primeiro, honra bastante os teus paes ou aquelles que têm o seu lugar para nunca casares, sem os advertir e, por maioria de razão, contra sua vontade. Depois, respeita neste negocio as leis de Deus e da Igreja.

Theophilo.—E' esse todo o meu desejo; mas havei por bem fazer-me conhecer essas leis.

O *missionario*.—Limitar-me-hei ao que é mais pratico: primeiro, seria peccar gravemente o entrar no matrimonio sem estar na intenção de cumprir todos os seus graves deveres; é preciso ter cuidado de a gente se fazer instruir por um confessor virtuoso, na occasião do casamento, nas obrigações que se contrahem.

Theophilo.—Tambem neste ponto não hei de faltar na occasião.

O *missionario*.—Seria tambem uma falta grave casar depois de ter feito voto de guardar castidade, ou de entrar em religião, ou receber as sagradas Ordens, não tendo obtido dispensa destes votos.

(Continua).

Anedotas históricas

CLXXX

Um dicto de Napoleão.— Estava Napoleão no seu rochedo de Santa Helena. O general Bertrand perguntou-lhe um dia em tom inconveniente: «Que é Deus?... Já o vistes, para crer nelle?... —No campo de batalha,» respondeu o grande exilado «quando tinheis necessidade dum rasgo de génio, por que é que, mais que todos os outros, me procuráveis com a voz e com o olhar?... Por que é que se gritava de todos os lados: *Onde está o imperador?* Que significava este grito, senão que acreditáveis no meu génio? As minhas victórias fizeram-vos crer em mim: pois o universo faz-me crer em Deus. Que é a mais bella manobra, comparada com o movimento dos astros?...»

CLXXXI

O'Connel papista.— Um protestante julgava injuriar a O'connel —o libertador da Islandia, cuja eloquência fazia tremer a Inglaterra e tinha em expectação o mundo—, chamando-lhe papista. O grande homem replicou-lhe ativamente: «Miseravel! Cuidas injuriar-me, e honras-me. Sim, sou papista, e glorio-me disso. Isso quer dizer que a minha fé, por uma série não interrompida de Papas, remonta até Jesus-Christo; ao passo que a tua não vai além de Lutero e Calvino. Se tiveras uma scentella de bom senso, havias de comprehender que, em materia de religião, mais vale depender do Papa do que do rei, da sotaina do que da saia!...»

CLXXXII

O marechal Villars.— Ferido na batalha de Malplaquet, o marechal Villars ficou em estado tam grave, que se começou a fallar em lhe administrar os últimos sacramentos. Propuseram-lhe que o acto se realizasse secretamente; mas elle respondeu: «Já que o exército me não viu morrer como bravo, é preciso ao menos que me veja morrer como christão.» O pensamento do illustre soldado parece atraído pelo sentido litteral da expressão. Mais necessário e glorioso é morrer como christão do que como valente: e assim o entendia por certo quem tam bellamente desprezou o respeito humano.

CLXXXIII

Um filho que ensina o pae.— S. João da ilha de Goto, um dos 26 mártires do Japão, foi conduzido ao supplicio na idade de 19 annos, pouco depois da sua entrada na Companhia de Jesus. Seu pae foi dizer-lhe adeus; e o heroico moço, no momento de ser crucificado, disse-lhe: «Vedes, meu pae, que a salvação deve ser preferida a tudo. Tende pois cuidado de nada desprezar que vo-la assegure: exhorto-vos a que sejais firme até à morte. — Meu filho,» respondeu o pae «eu te agradeço: tua mãe e eu estamos dispostos a morrer pela mesma causa.» E o pae retirou-se, tinto do sangue de seu filho, a quem beijava com respeito.

CLXXXIV

Bom filho.— Aphonso, filho mais velho de Fernando, rei de Castella e Leão, deixou um raro exemplo de perfeita submissão à vontade de seu pae. Fernando, antes de morrer, pediu a Aphonso que consentisse em que João, seu irmão, ficasse com o reino de Castella. «Meu pae,» respondeu o bom filho «a glória de vos obedecer ser-me-ha sempre mais cara do que o meu direito de primogenitura. Se julgais que meu irmão preencherá melhor o vosso logar, do que eu, consinto em que

lhe deis todos vossos reinos. Seguirei as vossas ordens, como as do mesmo Deus.» Estas palavras enterneceram tanto o coração de Fernando, que elle morreu derramando lágrimas de ternura para com aquelle filho exemplar. Para se darem estes exemplos, é preciso que se possa dizer, como o príncipe Aphonso, que se está disposto a cumprir a lei de Deus, é precisa a religião.

Curiosidades

Um deputado fiel aos compromissos.— As eleições de deputados realizam-se em França no próximo dia 24 do corrente. Está pois aberta a lucta eleitoral, e, como é sabido, uma das armas principaes empregadas nestes combates sam as promessas.

Sucedeu ha pouco — segundo refere uma folha parisiense— que um candidato, empenhado na campanha da sua eleição, chegava, em automovel, à entrada duma aldeia, onde era esperado por um magote de eleitores. «Olha lá:» diz elle em voz baixa ao seu secretário «vê se me lembras em duas palavras o que eu lhes prometti.»

Não nos admiramos de semelhante sinceridade no candidato: é sabido — e entre nós abundam os exemplos— que muitos dos politicos de profissão sam a gente menos séria e mais falta de caracter que se pode encontrar. O que nos custa mais a entender é que haja tantos que os tomem a sério.

Viajantes intrépidos.— Ha muitos modos de levar a vida e enganar a humanidade. No Egypto, existe, ao pé das Pyramides, um engenhoso industrial, que, mediante a módica paga de meia libra esterlina, photographa os viajantes, que visitam aquella região, empoleirados num docil camelo, ladeado por dois Arabes. Dest'arte os pacificos clientes da Agência Cook (agência de viagens) podem, ao voltar para suas terras, maravilhar os amigos, contando-lhes, apoiados pela photographia, as estupefacientes excursões, em lombo de camelo, através do deserto.

Mas a concorrência, que é a alma do commercio, acaba de suscitar ao astucioso photographo um rival perigoso. Este adquiriu uma aeronave, e photographa, pelo mesmo preço do seu concorrente, os viajantes desejosos de fazer crer que andaram pelo Egypto na última moda de locomoção. E, sem augmento de preço—no que deixa atrás o seu concorrente—, certifica no fundo da photographia: «O snr. Fulano, antes do seu vôo na planície das Pyramides.»

E não poderiam estas photographias obter-se sem se ir tam longe? Para satisfação da vaidade valiam o mesmo.

História de hospedaria.— Colhemo-la num semanário estrangeiro. Um viajante queixa-se de que o hóspede que mora no quarto de cima, ao deitar-se, tem o mau costume de atirar com os çapatos para o chão com insupportavel barulho. Este, admoestado pelo dono das hospedaria, esqueceu-se logo: no dia seguinte, ao descalçar-se, atira com o primeiro çapato na forma do seu mau costume. De repente lembra-se do aviso, e pousa o segundo çapato, com a mais irreprehensivel delicadeza, ao pé da cama. Mas, ao cabo de meia hora, o irascivel vizinho do andar inferior toca a campainha a chamar pelos creados, manda vir o patrão, e exclama furioso: «Co'a breca!... Dizei ao frêguês lá de cima que acabe com aquillo!... Ha meia hora que estou à espera, para adormecer, que elle tire o segundo çapato...»

Noticiario

Feira de S. Gualter e Festas da Cidade.

— Chamamos a attenção dos nossos leitores, e muito especialmente dos rev.ºs Parochos, para o Regulamento da Exposição Agricola de Guimarães, que publicamos na 4.ª pagina.

Aviso.— A Comissão Parlamentar de Inquerito ao Ensino declara que, tendo conhecimento de terem chegado demasiadamente tarde ao seu destino muitos questionarios de instrução primaria, receberá a respectiva devolução durante a duração effestiva ou provavel da actual sessão parlamentar.

Associação de Classe e Caixa de Soccoros dos Operarios Fabricantes de Calçado.— Esta prestante associação vimezanense fez celebrar no passado domingo, 27 de março, na igreja de S. Francisco, uma missa em suffragio da alma dos socios fallecidos.

Agradecemos o convite para assistir a este acto religioso.

Festividades.— Realiza-se hoje, na igreja parochial de Santa Eulalia de Fermentões, a festividade em honra do martyr S. Sebastião.

Como conclusão da novena que se tem realizado, haverá amanhã a solemnidade de Nossa Senhora da Madre de Deus, ás Capuchinhas, que constará de missa cantada e de tarde sermão, *Magnificat* e Ladainha.

Excursão.— E' amanhã que se realiza a excursão dos barbeiros bracarenses aos seus collegas desta cidade.

Devem chegar ás 9 horas da manhã, visitando a Sociedade Martins Sarmento e o Circulo Catholico, onde receberám os cumprimentos de boas-vindas. Em seguida ouvem missa no templo de S. Francisco, dirigindo-se depois para S. Torquato, onde se realizará o almoço. No regresso visitam a Collegiada, igreja dos Santos Passos, estação dos Bombeiros Voluntarios, etc., havendo um festival no jardim do Toural, onde tocarám duas bandas de musica. Nesta occasião será entregue por um cavalheiro de Braga uma batuta ao regente da banda dos Guises.

Os barbeiros de Guimarães preparam uma recepção carinhosa e entusiastica aos seus collegas bracarenses, no que sam acompanhados pelas diferentes classes artisticas vimezanenses.

Assim deve ser. Sejam, pois, bemvidos os operarios da linda capital minhota ao velho berço da monarchia portuguesa!

Guimarães cumprirá o seu dever de cidade hospitaleira, recebendo carinhosamente os que a honram com a sua visita.

Fallecimento.— Victimada pela tuberculose, que ha muito lhe vinha minando a existencia, falleceu nesta cidade a snr.ª D. Maria Angelina Martins Ribeiro, esposa do snr. tenente Luis Loureiro, e cunhada do snr. dr. José Maria de Moura Machado, capitão-medico de infantaria 20.

Contava apenas 24 annos de idade.

Os seus funeraes realizaram-se, no templo de S. Domingos, com numerosa e selecta assistencia.

Conde d'Agrolongo.— Esteve nesta cidade, na passada quarta-feira, este nosso benemerito conterraneo, cujo nome é conhecido e venerado por todo o paiz, pelos seus rasgos de generosidade e actos de phylantropia.

Sua ex.ª visitou a Sociedade Martins Sarmento, Creche de S. Francisco e Asylo de Mendicidade do Campo da Feira.

Por intermedio do snr. Freitas Ribeiro, mandou entregar reis 500000 á Creche e igual quantia ao Asylo de Mendicidade.

Conferencia.— Não se realiza no dia 7 do corrente, como erradamente se disse, mas no dia 10, a conferencia do snr. Doutor Alves dos Santos na Sociedade Martins Sarmento.

ANNUNCIOS

Pensionato Academico

GUIMARÃES

Rua de S. Domingos

Este estabelecimento de educação e ensino admitte alumnos internos, semi-internos e exter-

nos, sendo leccionados em instrução primaria e secundaria e nas disciplinas do curso commercial por professores com longa pratica de ensino. Os alumnos confiados a esta casa são matriculados no Lyceu, sendo acompanhados ás aulas por prefeitos de confiança da direcção. No Pensionato teem explicação das lições ou aulas, consoante as condições em que o alumno se matricular.

A disciplina é suave e ao alcance de todas as idades.

A alimentação é abundante, sadia e bem cuidada, como o affirmam dezenas de familias, que nos teem confiado seus filhinhos.

Os alumnos, quando doentes, são alvo de um cuidado especial.

As refeições são sempre quatro: almoço, jantar, merenda e ceia.

A annuidade é apenas de reis 100\$000.

Para mais esclarecimentos envia o programma a quem o pedir á direcção.

O Director,

LUIZ GONZAGA PEREIRA.

EDUARDO MATTOS & IRMÃO

Braga

Grandes depositos de sal graúdo e miúdo, cal de todas as qualidades, gesso francês e cimento Portland, carvão para forjas, **Coke para cozinha**, carvão para machinas, anthracite, adubos chimicos, etc. Agentes exclusivos no norte do pais do carvão de Coke da Companhia do Gaz do Porto.

Completo sortido de palha triturada para animaes, enxofre em pedra e moido, sulphato de cobre, esteios de louza para ramadas, arame para as mesmas, azeites, manteigas, farellos, telha francesa, tubos de grez e muitos outros artigos.

Agente nesta cidade

Fernando Antonio d'Almeida

Rua de S. Damaso, 29—1.º andar

HIGH-LIFE

Aos reverendos senhores ecclesiasticos

Este novo estabelecimento **High-life**, á rua da Rainha, 93 a 97, é o representante nesta cidade duma importante casa de paramenteiro e sirgheiro, de Braga, encarregando-se de mandar executar, pelo preço que se compram em Braga — palios, umbrellas, capas de asperges, dalmaticas, casulas, estolas parochiaes e para prégadores, mangas para cruces, frontaes, pavilhões para sacrario, mantos e tunicas para imagens e tudo o mais pertencente ao culto religioso. Grande e riquissimo mostruario de damascos de sêda em todas as côres e a ouro fino.

Barretes, cabeções e voltas para ecclesiasticos.

HIGH-LIFE

Rua da Rainha, 93 a 97

GUIMARÃES

EXPOSIÇÃO AGRÍCOLA DE GUIMARÃES

MERCADO ESPECIAL DAS INDUSTRIAS VIMARANENSES

A REALISAR EM 6, 7 E 8 DE AGOSTO DE 1910

POR OCCASIÃO DA

FEIRA DE S. GUALTER E FESTAS DA CIDADE

PROMOTORA A ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL DE GUIMARÃES

REGULAMENTO

ARTIGO 1.º — A exposição inaugurar-se-ha no dia 6 de Agosto, á hora que opportunamente fôr annunciada e será installada no mercado semanal, largo de D. Afonso Henriques, em pavilhões proprios, sob a direcção de uma commissão delegada da Associação Commercial.

ART. 2.º — As despesas de installação e accommodação dos productos expostos correm por conta da Associação Commercial, podendo tambem os proprios expositores fazê-las por sua conta, se assim o desejarem, sempre dentro do espaço indicado pela Commissão Directora e sob a fiscalisação desta, á qual se reserva o direito de alteração, afim de não ser prejudicado o effeito geral do certamen.

ART. 3.º — A' Commissão Directora compete a organisação e direcção dos serviços relativos á exposiçáo, prover a todas as necessidades occorrentes na execução deste regulamento e respectivo programma, bem como resolver os casos omissos no decorrer pratico deste certamen.

ART. 4.º — A exposiçáo divide-se em duas secções: a primeira destinada especialmente aos productos das propriedades do concelho de Guimarães e a segunda aos productos extranhos e este concelho.

§ unico — E' permitido á Missáo Agricola Conde d'Agrolongo, installada na Sociedade Martins Sarmento, concorrer a ambas as secções.

ART. 5.º — São admittidos todos os productos que estejam nas condições de figurar nesta exposiçáo e que constem do respectivo programma.

ART. 6.º — Os productos expostos podem ser apresentados em nome dos agricultores ou dos seus caeiros.

ART. 7.º — Todas as pessoas que desejem concorrer, devem remetter ao presidente da Direcção da Associação Commercial de Guimarães, até ao dia 15 de Junho, as suas propostas, nas quaes indicarão os productos que pretendem expôr, sua natureza, quantidade e, se tanto fôr possível, o volume aproximado para a Commissáo avaliar o espaço que lhe deve ser destinado.

§ unico — Os impressos para estas propostas e as guias destinadas á remessa dos diversos productos a expôr serão fornecidos pela Associação Commercial, devendo ser requisitados em casa do Presidente, largo de D. Afonso Henriques, 27.

ART. 8.º — Todos os volumes que forem destinados á exposiçáo, devem trazer em letras bem legiveis o nome do expositor e o seu destino, sendo remettidos ao presidente da Associação Commercial até ao dia 25 de Julho os que contenham productos de facil conservaçáo e os restantes até 4 de Agosto.

ART. 9.º — Nenhum expositor poderá retirar os seus productos senão depois de encerrada a exposiçáo, salvando-se esta clausula para aquelles de facil deterioraçáo.

ART. 10.º — E' permittida a venda de todos os productos expostos, observando-se o disposto no art.º antecedente.

ART. 11.º — Os expositores indicarão nas guias de remessa o destino que desejem dar aos seus productos, isto é, se lhe devem ser restituídos ou se ficam á disposiçáo da Commissáo Directora, para os distribuir por estabelecimentos de beneficencia.

§ unico — Suppõe-se sempre para todos os effeitos que lhe deve ser dado o ultimo destino, quando não sejam retirados durante os 8 dias immediatos ao encerramento da exposiçáo.

ART. 12.º — Para avaliar o merito dos productos expostos a Commissáo Directora nomeará os jurys que entender precisos.

§ unico — Das decisiões dos jurys não ha reclamações.

ART. 13.º — Os premios serão conferidos segundo o merito relativo aos productos, não devendo comprehender-se que, mesmo quando haja um unico expositor a uma determinada classe, o jury tenha de conferir-lhe qualquer premio, se os productos expostos não o merecerem. Poderá tambem o jury, se assim o entender, recompensar na mesma classe, com premios eguaes mais que um expositor.

§ unico — Para este fim a Commissáo Directora requisitará os premios supplementares que entender convenientes.

ART. 14.º — Os expositores darão aos jurys todos os esclarecimentos que por estes lhes sejam pedidos no sentido de não serem illudidas as disposiçóes deste regulamento, pois que, dando-se este facto, os jurys resolverão descredencionalmente.

ART. 15.º — Os premios para as duas secções constam de menções honrosas, medalhas de cobre, cobre prateado e cobre dourado, mesmo as que nos diplomas figurem como medalhas de prata ou ouro.

ART. 16.º — Cada expositor, embora o jury lhe tenha

conferido varios premios a que correspondam medalhas, só receberá um exemplar correspondente ao typo do premio mais elevado, figurando no diploma todas as recompensas com que o distinguirem.

ART. 17.º — Haverá neste certamen dous premios de honra (objectos d'arte), um intitulado «Conde d'Agrolongo» e outro da Associação Commercial de Guimarães, sendo aquelle conferido ao expositor da primeira secção que mais premios de 1.ª classe tenha obtido (medalha d'ouro), e este ao dos concelhos extranhos que se encontre nas referidas condições, os quaes serão adjudicados conforme a deliberação dos jurys.

ART. 18.º — A entrega dos premios far-se-ha no dia 8, á hora que opportunamente fôr designada.

ART. 19.º — A Commissáo Directora, zelosa em bem conservar os productos expostos, não se responsabilisa, todavia, por qualquer damno que elles possam soffrer, excepto o de fogo.

§ unico — A Commissáo Directora tendo já obtido na Companhia do Caminho de Ferro de Guimarães o abatimento de 50 % nos transportes dos productos a expôr, que tenham de transitar pelos seus caminhos de ferro, o mesmo diligenciará conseguir das outras Companhias e do Estado e do resultado, opportunamente, dará conhecimento aos concorrentes.

PROGRAMMA

1.º GRUPO

CLASSE 1.ª — Fructas diversas e arvores fructíferas:

- a) *Fructas de caroço.*
 - b) » » *pevide.*
 - c) » » *espinho.*
 - d) » » *grainha.*
- (3 exemplares de cada variedade).
- e) *Fructas seccas:* nozes, avelãs, amendoas, etc. (2 litros de cada variedade).
 - f) *Arvores fructíferas.*

2.º GRUPO

CLASSE 2.ª — Fructos coloniaes e exóticos:

Ananaz, banana, côco, etc.

3.º GRUPO

CLASSE 3.ª — Productos e plantas de origem vegetal:

- a) *Leguminosas:*
 - 1.º Legumes em vagens verdes: feijões, ervilhas, etc. (1 kilo de cada variedade).
 - 2.º Legumes em grão: feijões, ervilhas, favas, tremoços, grão de bico, etc. (1/2 kilo de cada variedade).
- b) *Crucíferas:*
 - Couves diversas: repolho, saboya, tronchuda, murciana, gallega, couve flôr, broculo branco e rôxo, etc. (3 exemplares de cada variedade).
 - Raizes: rabanetes, beterrabas, etc. (6 de cada variedade).
- c) *Cucurbitáceas:*
 - Melões — (2 de cada qualidade).
 - Melancias — (duas de cada qualidade).
 - Aboboras — (idem, idem).
 - Pepinos — (6 idem, idem).
- d) *Liliáceas:*
 - Cebolas, alhos, etc. (6 de cada variedade).
- e) *Umbelíferas:*
 - Cenouras, aipo, etc. (6 de cada variedade).
- f) *Solaneas:*
 - Fructos:* tomates, etc. (6 de cada variedade).
 - Tuberculos:* batatas, etc. (idem, idem).
- g) *Chicoreas:*
 - Alfaves, chicoreas, etc. (3 de cada variedade).
- h) *Cereaes:*
 - Trigo, centeio, cevada, aveia, painço, milho commum, milho alvo, sorgo, etc. (2 litros de cada variedade).
- i) *Plantas de condimento:*
 - Espinafres, agriões, cerefolho, salsa, hortelã, serpão, pimentos, etc. (6 de cada variedade).
- j) *Linhos, etc.*

CLASSE 4.ª — Productos oleiculas, lacteos, vinícolas, farinaceos, alcoolicos e sacharinos:

- a) *Oleiculas* — azeite, etc. (1 litro de cada variedade).

- b) *Lacteos* — leite fresco, (2 litros), queijo, requeijão, manteigas, (1/2 kilo de cada variedade).
- c) *Vinícolas:* — Vinho de pasto tinto, (6 garrafas de cada variedade).
 - Vinho de pasto branco, (idem).
 - Vinhos licorosos, (3 garrafas de cada variedade).
 - Vinhos generosos, (idem).
 - Vinhos espumosos, (idem).
 - Vinho typo champagne nacional, (idem).
 - Vinagres tinto e branco, (2 garrafas de cada variedade).
- d) *Farinaceos* — farinhas de cereaes e suas applicações aos productos de padaria e massaria.
- e) *Alcoolicos:* Licôres e bebidas diversas, (2 garrafas de cada variedade).
 - Aguardente de bagaço, de vinho, de fructas e de cereaes, (2 garrafas de cada variedade).
- f) *Sacharinos* — Mel, (1/2 litro).
 - Productos de confeitaria de facil conservaçáo, (fructas).

4.º GRUPO

CLASSE 5.ª — Arboricultura e floricultura:

- a) *Plantas de ar livre.*
- b) *Plantas de estufa.*
- c) *Flores cortadas.*
- d) *Flores em vasos.*
- e) *Plantas, desenhos, pinturas, photographias, e modelos de parques e jardins tanto no seu conjuncto como nos detalhes.*

5.º GRUPO

CLASSE 6.ª — Alfaias agricolas pertencentes a agricultores:

- a) *Material destinado ao fabrico de lacticinios.*
- b) *Material destinado á apicultura, á avicultura, siricicultura e ao preparo do linho.*
- c) *Material destinado á cultura de cereaes, á vinicultura e á viticultura, á horticultura, á arboricultura, á floricultura, á oleicultura, etc.*

6.º GRUPO

CLASSE 7.ª — Alfaias agricolas pertencentes a casas fornecedoras ou constructoras, representadas pelo proprios ou por seus agentes.

Esta classe comprehende todas as especies de material moderno constante da classe 6.ª.



Mercado Especial

DAS
INDUSTRIAS
— DE —
GUIMARÃES

No mesmo local da exposiçáo agricola e tambem em pavilhão proprio, estabelecer-se ha um mercado especial das industrias vimaranenses, ao qual podem concorrer todos os industriaes da cidade e concelho, com mostruatio das suas fabricações de tecidos de linho, algodão, cortumes, cutelarias, marcenaria, pentes, etc.

A direcção da Associação Commercial diligenciará organisar tambem um mercado para as industrias de tanoaria, olaria, cestaria, funilaria, etc., o qual será installado no Largo de Franco Castello Branco.

Os respectivos programmas serão publicados opportunamente.

A RESTAURAÇÃO

No Ex.º Snr.